

MEMÓRIA: O PASSADO É PRESENÇA PRESENTE (*CADERNOS DE LANZAROTE, AS PEQUENAS MEMÓRIAS, O CADERNO E O CADERNO 2*).

EULA PINHEIRO

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Eduardo Galeano

Não somos nós que guardamos as lembranças, são as lembranças que nos guardam.

Mia Couto

Em novembro de 2008, ao ser entrevistado por Ana Mota Ribeiro, José Saramago afirmou: “Ninguém escreve para o futuro, ao contrário do que se julga. Somos pessoas do presente que escrevemos para o presente”. Há toda coerência nessas palavras, levando em conta o momento preciso da escrita: ali está um escritor num tempo presente tanto da vida quanto da escrita; a escrever sobre o que o motiva naquele momento. Para além disso, a realização da escrita se faz devido a questões contemporâneas; que podem, todavia, ter origem num passado próximo ou longínquo. Tanto assim que ele afirmou: “Embora eu não faça da literatura panfletos, nunca fiz, qualquer leitor atento perceberá, numa leitura de um romance meu, o que é que eu penso sobre o mundo, sobre a vida, sobre a sociedade...” (SARAMAGO, 2009,

p.208). Essa coerência se expande quando tais textos estão diante dos leitores “atentos”: constatamos, pois, um presente repleto de questões, de reflexões. Os textos para o blog também, e sobretudo, são reflexos dessa atenção com o mundo que o cercava.

O passado é presença presente. Haja vista, a herança de leitura e de vida armazenadas na memória do escritor¹. Como também a busca do passado por meio da pesquisa: o presente apresentou os indícios, o escritor investigou e em textos ficcionais transformou; tal é o caso de *A viagem do elefante*. Fragmentos do passado, pois, estão presentes na escrita saramaguiana. Devemos ter sempre a lembrança de que a rememoração é uma constante para a narração, para a narrativa, sobremaneira, para o narrador: o autor-narrador.

Nesse momento presente, no entanto, o passado feito do repertório acumulado pelas memórias vem à tona: o presente é a soma de muitos passados: “Com a minha memória, essa que eu sou. Não quero esquecer nada.”, escreve José Saramago no blog, no dia 28 de abril de 2009.

Há um conto de Jorge Luis Borges, “Funes, o memorioso” de 1942, presente no livro *Ficções* no qual a personagem título tem uma memória prodigiosa, recorda-se de tudo que lhe acontece; mesmo depois de uma queda, quando o normal seria esquecer – devido ao trauma (a perda ou não da capacidade de recordação) – Funes continua com a mesma capacidade de armazenar dados, fatos. Se houvesse perda de memória, esta poderia ser parcial ou total (a amnésia). Irineu Funes, a personagem, tem, todavia, exata noção do tempo, sabe as horas com precisão. Capaz de lembrar do passado a ponto de não ceder espaço para viver o presente, para pensar, pois a memória dele não significa inteligência, mas tão somente armazenamento. A personagem solicita ao narrador, ao saber que chegou trazendo livros na bagagem, que o emprestasse alguns. O narrador, propositadamente, envia o livro de Plínio “*Historia Naturalis*”, a fim de provocar algum desinteresse ou desmotivação. No entanto, quando volta para resgatar o livro, ouve Funes ler em voz alta o capítulo XXIV do livro sétimo da “*Historia Naturalis*”; capítulo que tem por tema a **memória**, finalizando com *ut nihil non iisdem verbis reddetur auditum* (“nada que tenhamos ouvido, não pode repetir-se com as mesmas palavras” – ao traduzir temos, em português e em espanhol uma contradição: a dupla negativa é a essência da memória, pois “*Narrar* uma história, mesmo que ela *tenha ocorrido, é reinventá-la*”(PERRONE-MOISÉS, 1990, p.105)

José Saramago retoma o conto “Funes, o memorioso” em O Caderno 2. Aliás é a primeira crônica do livro [do blog] de título “Funes & Funes”. Nesse texto, relembra uma viagem a El Salvador, momento que dera uma entrevista para Mauricio Funes (À época um jornalista que lutara contra o regime opressor). Elegeu-se presidente do país, o primeiro governante de esquerda; governando-o de 2009 a 2014. No momento da escrita, encontrava-se como presidente de El Salvador.

Há anos, bastantes já, numa viagem que do Canadá nos levaria a Cuba, fizemos uma paragem em Costa Rica e El Salvador. Desta última visita quero falar hoje. Como sempre sucede quando ando viajando por aí, dei algumas entrevistas, a mais importante das quais a Maurício Funes, agora presidente eleito de El Salvador. (SARAMAGO, 2010, p. 23)

No último parágrafo dessa crônica, o autor menciona o conto de Jorge Luis Borges a fim de desejar que o presidente salvadorenho mantivesse as palavras proferidas na noite que se elegeu.

O outro Funes que aparece no título é o de Borges, aquele homem dotado de uma memória que tudo absorvia, tudo registava, fatos, imagens, leituras sensações, a luz de um amanhecer, uma prega de água na superfície de um lago. Não peço tanto ao presidente eleito de El Salvador, apenas que não esqueça nenhuma das palavras que pronunciou na noite de seu triunfo perante milhares de homens e mulheres que tinham visto nascer finalmente a esperança. Não os desiluda, senhor presidente, a história política da América do Sul transborda de decepções e frustrações, de povos inteiros cansados de mentiras e enganos, é tempo, é urgente mudar tudo isto. Para Daniel Ortega, já temos um.² (SARAMAGO, 2010, p.24)

A rememoração, como dito ficou, é fator recorrente à narração. A obra de José Saramago confirma essa afirmação. Os ditados populares, a literatura oral, ratificam essa postura, mas não só: episódios vividos e textos lidos e escritos estão presentes por toda a obra. Todavia, concentrar-me-ei nos textos escritos em Lanzarote, como já estabelecido, pois aí reside o meu objetivo: a escrita do exílio voluntário. Isso não me escusa, se necessário for, de estabelecer diálogo com o antes de Lanzarote.

As palavras do campo semântico da memória ou a ele correlatas multiplicam-se nos textos dessa fase distante espacialmente de Portugal. Essa distância espacial possivelmente abriu com maior clareza a visualização do que estava longe tanto do ponto de vista do espaço quanto do tempo. Em *O conto da ilha desconhecida*, o homem que buscava encontrar a ilha desejava:

quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o

homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa. (SARAMAGO, 1998, p.40-41)

Segundo o neurocientista Ivan Izquierdo é completamente “inviável” lembrarmos de tudo. Algo é preciso “esquecer” para ceder lugar a outro episódio que será absorvido pela memória.

Nesse sentido, o estudioso apresenta-nos a complexa formação da memória no cérebro humano. Temos, assim, a ‘memória declarativa’ e a ‘memória de procedimentos ou hábitos’. A primeira tem ligação direta com as regiões cerebrais: o hipocampo (‘uma região cortical filogeneticamente antiga’), a amígdala e várias regiões corticais - ou seja, áreas de emoções e de raciocínios. Na ‘memória de procedimentos’ os fatos acontecidos são automaticamente armazenados: andar de bicicleta é um exemplo dado pelo estudioso. Muitos outros convivem conosco: ligar um aparelho, andar, reconhecer lugares que já estivemos (ou vimos por imagens). Nesta o hipocampo está presente nos primeiros momentos. Descobriram, “entre os anos de 1998 e 2000, que o processo de memória de curta duração é paralelo ao das memórias de longa duração, e que ocorre também no hipocampo e córtex entorrinal” (IZQUIERDO, 2013, p.15). São etapas, pois, de um mesmo fenômeno ou paralelas. Há, ainda, a ‘memória de trabalho’ que corresponde à ação imediata como a última palavra que se escreveu ao produzir um texto; perguntas e respostas em uma entrevista. Deve-se manter ‘viva’ a “memória de trabalho” aliada à “memória de curta duração”: conversa, leitura, filmes; pois formam as “memórias de longa duração”. Sem a memória de longa duração faltaria base para o diálogo e o entendimento de fatos momentâneos. Exemplifico: há anos li, pela primeira vez, o romance *Ensaio sobre a cegueira*, lembro-me de que o texto regista dois tipos incomuns de cegueira: a amaurose e a agnosia. Assistindo a um episódio de uma série médica, quando pronunciaram a palavra “agnosia” de imediato entendi do que se tratava (memória evocada, que veremos adiante), haja vista que o autor, José Saramago, tratou de deixar o leitor ‘atento’ a par desses dois tipos, nas primeiras páginas do romance:

À noite, depois do jantar, disse à mulher, Apareceu-me no consultório um estranho caso, poderia tratar-se de uma variante da cegueira psíquica ou da amaurose, mas não consta que tal coisa se tenha verificado alguma vez, Que doenças são essas, a amaurose e a outra, perguntou a mulher. O médico deu uma explicação acessível a um entendimento normal, que satisfizesse a curiosidade dela, depois foi buscar na estante os

livros da especialidade, uns antigos, do tempo da faculdade, outros recentes, alguns de publicação recentíssima, que ainda mal tivera tempo de estudar. Procurou nos índices a seguir, metodicamente, pôs-se a ler tudo o que ia encontrando sobre **a agnosia e a amaurose**, com a impressão de saber-se intruso num domínio que não era o seu, o misterioso território da neurocirurgia, acerca do qual não possuía mais do que umas luzes escassas. Noite dentro, afastou os livros que estivera a consultar, esfregou os olhos fatigados e reclinou-se na cadeira. Nesse momento a alternativa apresentava-se-lhe com toda a clareza. Se o caso fosse de **agnosia**, o paciente estaria vendo agora o que sempre tinha visto, isto é, não teria ocorrido nele qualquer diminuição da acuidade visual, simplesmente o cérebro ter-se-ia tornado incapaz de reconhecer uma cadeira, quer dizer, continuaria a reagir correctamente aos estímulos luminosos encaminhados pelo nervo óptico, mas, para usar uns termos comuns, ao alcance de gente pouco informada, teria perdido a capacidade de saber que sabia e, mais ainda, de dizê-lo. Quanto à **amaurose**, aí, nenhuma dúvida. (SARAMAGO, 1995, p.29-30, grifos meus)

Mais adiante, o romance regista: “na verdade os olhos não são mais de que umas lentes, umas objectivas, o cérebro é que realmente vê” (p.70). A **agnosia** é um, entre os muitos que há, caso de perda de memória.

José Saramago deseja, pois, que o seu leitor cresça à medida que se torna um frequentador assíduo de sua obra, pois, também ele, dessa maneira procede diante de um novo saber. Na crônica do dia 31 de março de 2009, “Geometria Fractal”, presente em *O caderno 2*, o autor relembra uma carta recebida em 1999, escrita por um geómetra espanhol, Juan Manuel García-Ruiz (grande estudioso do tema). Nessa correspondência, o estudioso espanhol aponta para o romance *Todos os nomes*, trazendo, ao final, referências nítidas à Geometria Fractal. José Saramago busca, assim, conhecer o assunto:

Durante aqueles dias ombreei com os melhores geómetras do mundo, nada mais, nada menos. Aquilo a que eles haviam chegada à custa de muito estudo, alcançara-o eu graças a um golpe de intuição científica, do qual, falando francamente, apesar do tempo que passou, ainda não me recompus. Dez anos depois, acabo de sentir a mesma emoção na figura de um livro intitulado *Armonía Fractal – De Doñana a las marismas*

de que Juan Manuel é autor, juntamente com o seu colega Héctor Garrido. As ilustrações são, em muitos casos, extraordinárias, os textos de uma precisão científica nada incompatível com a beleza das formas e dos conceitos. Comprem-no e regalem-se. **É uma autoridade quem o recomenda.**³ (SARAMAGO, 2010, p.33-34, grifos meus)

Do ponto de vista fisiológico, a Memória ou as Memórias “obedecem a modificações da estrutura em função das sinapses”⁴. O que são sinapses e qual a razão de explanar esse assunto de modo bem particular? A resposta vem da própria literatura de José Saramago: a crônica “Recordações” (SARAMAGO, 2010, p.60-61) traz menção à molécula ZIP, o que evidencia clara atenção do escritor não apenas para os acontecimentos científicos, mas também a nítida preocupação em manter o repertório que a sua memória possuía: “É o caso da nossa memória, que, a julgar por informações recentíssimas, está pura e simplesmente em risco de desaparecer, integrando-se, por assim dizer, no grupo das espécies em vias de extinção.” (p. 61). Em 2009, como o texto fornece, havia sido publicada, nas mais variadas revistas científicas, um estudo que apontava uma molécula capaz de apagar memórias remotas (ou de longa duração), a ZIP (*Zinapse Inducing Particle*).

Segundo essas informações, publicadas em revistas científicas tão respeitáveis como a *Nature* e a *Learn Men*, foi descoberta uma molécula, denominada ZIP (pelo nome não perca), capaz de apagar todas as memórias, boas ou más, felizes ou nefastas, deixando o cérebro livre da carga recordatória que vai acumulando ao longo da vida. (SARAMAGO, 2010, p.61)

José Saramago que rejeitara, especificamente, esta ciência, escreveria, provavelmente, outra crônica. No ano de 2013, outro estudo científico, realizado pela Johns Hopkins Medicine, invalida o efeito da molécula ZIP de apagar a memória. O estudo inicial visava um apagamento seletivo, ou seja, livrar as pessoas das recordações traumáticas. Os experimentos aconteceram apenas em laboratório com ratos, sem que ficasse comprovado o êxito do experimento. Por outro lado, a questão ética também contribuiu para a negação dos experimentos.

Como dizia o outro, a ciência avança que é uma barbaridade, mas eu, a esta ciência não a quero. **Habituei-me a ser o que a memória fez de mim** e não estou de todo descontente com o resultado, ainda que os meus actos nem sempre tenham sido os mais merecedores. Sou um bicho da terra como qualquer

ser humano, com qualidades e defeitos, com erros e acertos, deixem-me ficar assim. Com a minha memória, essa que eu sou. **Não quero esquecer nada.** (SARAMAGO, 2010, p.61, grifos meus)

O que temos de certo é que as memórias sofrem modificações de estrutura e função segundo o processo efetivo das **Sinapses**: as sinapses são neurotransmissores, ou seja, são elas que transmitem os impulsos entre os neurônios; podem ainda transmitir impulsos entre os neurônios e as células glandulares e as células musculares. Não há ligação direta entre um neurônio e outro, mas os axônios (prolongamentos dos neurônios, são revestidos pela bainha de mielina – uma espécie de capa que tem a função de proteger o nervo), possuindo no término os dendritos. São os dendritos que, por fim, efetivam o contato de um e outro neurônio e nesse momento realizam-se as sinapses.

Segundo Ivan Izquierdo, todas as memórias são associativas: são adquiridas por um grupo de estímulos (um livro, uma sala de aula) com outros (o material lido, aquilo que se aprende; algo que pode ser transformado em prazer ou no seu contrário). O primeiro grupo. Todavia, a memória de “habituação” não necessita de outro (“aprendizado negativo”), isto é, faz-se possível “trabalhar em ambientes cheios de ruídos, ou dormir em ambientes iluminados”. Daí muitos outros estudiosos desconsiderarem a “memória de habituação” como sendo associativa.

A construção da memória de longa duração é conduzida pela memória de curta duração. Esta mantém funcionando a cognição enquanto aquela processa sua forma definitiva. A memória de longa duração perdura por horas, dias, anos. Quando ela se estende por anos é considerada “memória remota”. Esse processo de formação da memória de longa duração se estabelece lentamente e com alto grau de fragilidade; dependendo de vários fatores: quanto maior a emoção, maior será sua ativação (axônios colinérgicos e glutamatérgicos, formação de memórias no hipocampo); por outro lado, acontecimentos novos ou já existentes dependem das vias nervosas ligadas com o afeto, as emoções, os estados de ânimo (dopaminérgicas, noradrenérgicas e serotoninérgicas). As memórias declarativas (de curta duração e de longa duração) incluem várias especificações. Entre essas a que mais será identificada na escrita saramaguiana é a “evocação das memórias”: imagens, palavras, sons, cheiros, viagens, filmes, leituras experiências são elementos que trazem à tona o passado vivido, consolidando-o. Claro está que fatores de trauma podem impedir (até apagar) ou maximizar a evocação.

Segundo Ivan Izquierdo (2013, p.16), “o melhor exercício para manter a memória é a leitura”. Porque a leitura produz uma rápida ativação de tudo quanto a pessoa tem guardado; nenhuma prática cerebral tem capacidade tão profícua nesse sentido. Seguindo essa conclusão científica, o leitor José Saramago construiu um repertório extraordinário. Inclusive, quando menciona as crônicas e diz que “Está

tudo lá”, ou seja, a semente, o embrião dos textos futuros, ratifica o armazenamento de uma escrita a ter continuidade no futuro. De acordo com Belina Nunes:

A maior e extraordinária diferença entre o funcionamento da memória humana e a memória do computador, será o fato de que, nos humanos, o simples uso da informação e a sua reutilização, implica sempre modelagem e modificação, pela incorporação de novos dados, enquanto um ficheiro no computador pode manter-se anos a fio com a respectiva informação inalterada. (2012, p.7)

O processo de consolidação e armazenamento da memória humana assemelha-se ao processo dos ficheiros de um computador, mas difere no sentido da retomada do que ficou guardado: o ser humano, ao procurar a informação armazenada não a encontrará como a deixou, pois as interferências do tempo, das experiências poderão modificá-las; não, necessariamente, no nível do conteúdo, mas nos detalhes que de tudo não se fizeram relevantes.

A memória é um processo único e ao mesmo tempo múltiplo; pois encontramos vários modos de cotidianamente lembrar. Com o decorrer do tempo (da vida), a memória, por vezes, será recuperada ou evocada: imagens, fragrâncias, conversas são estímulos (entre muitos que há) para a rememoração. Para além disso, as memórias declarativas e de hábitos são sensíveis a estímulos por diversos fatores emocionais: ansiedade e estresse são exemplos. Todavia, muitos outros estão presentes no ato de lembrar, recordar, rememorar.

Ralph Waldo Emerson, por exemplo, quando se lembrava das leituras que fizera dos *Diálogos* de Platão associava ao cheiro da lã, pois, à noite, no seu quarto frio de Concord (Massachusetts), lia com os cobertores até o queixo (MANGUEL, 1997, p.70).

No dia 17 de outubro de 1993, um dos dias assinalados nos *Cadernos de Lanzarote*, José Saramago, ao escrever a idade de Javier (seu cunhado, marido de María del Río), lembrou-se (memória evocada) de que na mesma idade, 41 anos, escrevera um poema, “Lugar-comum do quadragenário” e deixou-o transcrito:

Quinze mil dias secos são passados
Quinze mil ocasiões que se perderam
Quinze mil sóis inúteis que nasceram,
Hora a hora contados
Neste solene, mas grotesco gesto
De dar corda a relógios inventados
Para buscar, nos anos que esqueceram,
A paciência de ir vivendo o resto.

Nas obras *Cadernos de Lanzarote I, II, III, IV e V*; *As pequenas memórias*; *O caderno* e *O caderno 2* a Memória apresentar-se-á como personagem, pois José Saramago é dela leitor e autor: “Queiramo-lo ou não, somos só a memória que temos. Um povo que vai perdendo a sua memória própria, está morto e ainda não o sabe [...]” (SARAMAGO, 2007, p.604).

Na apresentação para a edição do primeiro volume dos *Cadernos de Lanzarote*, José Saramago evoca o *Manual de pintura e caligrafia* ao escrever:

Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça e apanhamos um objeto no chão. (SARAMAGO, 2007, p. 9)

Creio que nossa biografia está em tudo que fazemos e dizemos, em todos os gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objeto no chão. (SARAMAGO, 1992, p.115)

Pouco mais adiante, encontraremos uma sutil referência – identificada pelo leitor “atento” possuidor de boa memória, leitor das obras de José Saramago – e leitor já do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*; pois a referência ao espelho como a possibilidade do contrário fora abordada nesse romance:

senti (sempre começamos por sentir, depois é que passamos ao raciocínio) a necessidade de juntar aos sinais que me identificam um certo olhar sobre mim mesmo. O olhar do espelho. Sujeitando-me portanto ao risco de insinceridade por buscar o seu contrário. (SARAMAGO, 1997, p.10)

Na minha opinião, a representação nunca deve ser natural, o que se passa num palco é teatro, não é a vida, não é Vida, a vida não é representável, até o que parece ser o mais fiel reflexo, o espelho, torna o direito esquerdo e o esquerdo direito. (SARAMAGO, 1988, p.122)

A **intertextualidade** e a **intratextualidade** são evocações de memória; aquela sendo o reflexo do repertório adquirido com as vivências, o cotidiano, o ouvir, sobretudo, o ato de ler: “Todo o discurso, escrito ou falado, é intertextual, e

apeteceria mesmo dizer que nada existe que não o seja” (SARAMAGO, 1997, p.610); esta, as presenças do que escreveu e as relações com o presente do autor e, conseqüentemente, de sua escrita. A **intratextualidade** ou, no caso de José Saramago, como escrevi em *Tudo, provavelmente, são ficções, mas a literatura é vida*, “Saramago conversa com Saramago” é constante, as duas últimas citações evidenciam que o escritor “é um mestre em clandestinidade” (PINHEIRO, 2012, p. 147).

Nos *Cadernos de Lanzarote* encontramos, para além da escrita diária, o panorama de uma época, uma biblioteca para o futuro (tempo esse já em processo)⁵. Neles estão registos pessoais, acontecimentos do mundo que envolve o escritor e relevantes para todos os leitores, os do presente e os do futuro. Os *Cadernos de Lanzarote* são fontes de pesquisa, de investigação, de conhecimento, de coleta sequencial de acontecimentos: como a chegada de Pepe, Greta, Rubia, Camões, os cães tão presentes na vida de José e Pilar; o processo da escrita de *Ensaio sobre a cegueira*, o escritor “tal como agricultor depois de contemplar a seara foi ao pomar ver se estão madurando os frutos” (SARAMAGO, 1997, p.275), assim acontecendo até a coleta do texto: “um ensaio que não é ensaio, um romance que talvez o não seja, uma alegoria, um conto ‘filosófico’” (SARAMAGO, 1997, p.275). A exemplificar o processo de construção de *Ensaio sobre a cegueira*, seguem-se todas as referências encontradas nos *Cadernos*, ou seja, do início do registro em 20 de abril de 1993 às felicitações de dois grandes amigos de José Saramago – Baptista-bastos e Eduardo Lourenço – em 16 de novembro de 1995, pois 16 de novembro é, sem dúvida, um dia “levantado e principal”. [[Ver edição n.2 da Revista de Estudos Saramaguianos](#)]. Nesse processo dados muito significativos acompanham o registro da escrita: na manhã do dia 20 de Abril de 1993, em Lanzarote, a lembrança da ideia nascida no restaurante Varina da Madragoa, em Lisboa, no dia 6 de Setembro de 1991, acorda com José Saramago. No dia 9 de Agosto de 1995, o *Ensaio sobre a cegueira* está concluído. Viagens, palestras, visitas, a escrita de textos para exposições de arte, entrevistas, por vezes, foram impedimentos para a conclusão do romance. As muitas leituras dos *Cadernos de Lanzarote*, assim como da obra de José Saramago, continuarão.

Notas

¹ Em *Tudo, provavelmente, são ficções, mas a literatura é vida*. “O diálogo com a Literatura foi trabalhado”, como também “O diálogo com a tradição oral” e com os próprios textos do autor.

² Manuel Funes não cumpriu a palavra dada ao povo salvadorenho; será julgado por enriquecimento ilícito. Com receio desse julgamento solicita, justamente na Nicarágua, asilo para o ditador Daniel Ortega. Este, por sua vez, no dia 7 de julho de 2016, dá um golpe no parlamento e toma para si todo o poder na Nicarágua.

³ A seguir o Mestre, por essa e tantas outras pistas, escrevi: “Todos os nomes do homem duplicado ou o caos é uma ordem por decifrar”. Publicado na *Revista de Estudos Saramaguianos*, n. 2.

⁴ Cf. <https://www.sciencedaily.com/releases/2013/01/130102140133.htm> Acesso em 6 de outubro de 2016.

⁵ Em *José Saramago: o amor possível*, José Saramago e Pilar del Río conversaram com Juan Arias, em Lanzarote. Vários aspectos do escritor, da escrita são abordados. Pouco antes do final, Pilar afirma: “Os *Cadernos de Lanzarote* só ganharão importância com o passar do tempo”. Para além disso, ainda aponta que inúmeros temas poderiam ser levantados nos *Cadernos*. Os *Cadernos de Lanzarote*. *As pequenas memórias*, *O caderno* e *O caderno 2* são, igualmente, fontes inesgotáveis de leituras e importantes testemunhos da escrita e da vida de José Saramago e do mundo; especialmente do tempo e do espaço vivido pelo Nobel de Literatura de 1998.

Referências

- ARIAS, Juan. *José Saramago: o amor possível*. Trad. Rubia Prates Goldoni. Rio de Janeiro: Manati, 2003.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. 5.ed. São Paulo: Globo, 1989.
- IZQUIERDO, Iván Antonio *et al.* “Memória: tipos e mecanismos – achados recentes”. In: *Revista USP*. Dossiê Memória. São Paulo, n. 98, jul.-ago. 2013, p. 9-16.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. João Baptista da Costa Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NUNES, Belina (Coord.) *et alii*. *Memória: funcionamento, perturbações e treino*. Lisboa; Porto: LIDEL, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha. Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PINHEIRO, Eula Carvalho. *Tudo, provavelmente, são ficções, mas a literatura é vida*. São Paulo: Musa, 2012.
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARAMAGO, José. *O caderno 2*. Lisboa: Fundação José Saramago; Caminho, 2010.
- SARAMAGO, José. *O caderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.